

Boletim - Ilheas Cabov. d.

Cabo Verde

• BOLETIM DE PROPAGANDA E INFORMAÇÃO •

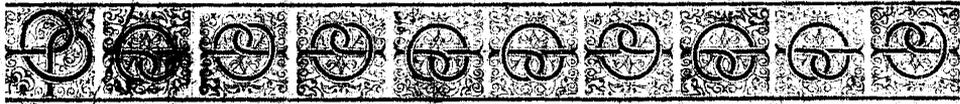
NÚMERO AVULSO 3900



Praia, 1 de Janeiro de 1952

ANO III
N.º 28

publicação da imprensa nacional



S. Vicente



Ilheu dos Passaros

Cliché I. F. A. No Foto Codemat.

Sumário

(Todos os artigos são de exclusiva responsabilidade dos seus autores)

Novo Ano — por Sua Excelência o Governador.

Cartas de Cabo Verde — por H. F.

Apontamentos sobre poesia caboverdeana — por Amílcar Cabral.

Caminhada — por Joaquim Arnaldo Rogado Quintino.

Sua Excelência o Ministro do Ultramar fala-nos do apetrechamento do porto de S. Vicente — Uma entrevista de Félix Monteiro com o Sr. Comandante Sarmiento Rodrigues.

Recursos do sub-solo, em notas sobre a economia de Cabo Verde — pelo Engenheiro Agrónomo F. Monteiro Grillo.

Perichorésis — soneto de José Lopes.

Brava — poesia de Maria Helena.

Documentário — com notícias diversas — Transcrição de uma carta do Sr. Presidente do Conselho — Carta do Mindelo, de Nuno Miranda.

Desenvolvimento económico de Cabo Verde — por João Modesto.

Assuntos de linguagem — pelo Professor José Lopes.

Férias — por J. S.

«Linha do Horizonte» e **Aguinaldo Fonseca** — II — por Gabriel Mar

Uma reportagem — de Félix Monteiro.

Publicação criada pela Portaria n.º 3:847, de 28 de Janeiro de 1950

ADMINISTRAÇÃO E DIRECÇÃO DO DIRECTOR TÉCNICO
DA IMPRENSA NACIONAL
DR. BENTO LEVY

Apontamentos sobre POESIA CABOVERDIANA

— por AMILCAR CABRAL

«Não me doi nada meu particular.
Pena cilícios da comunidade.
Água dum rio acoce, entrei no mar
E salguei-me no sal da imensidade.»

(MIGUEL TORGA, «Cântico do homem».)

I —

Quando se debruça sobre o conteúdo da Poesia Caboverdiana, em busca do seu valor real, duas fases, nitidamente distintas, se mostram evidentes: a anterior ao aparecimento da revista *Claridade*, e a que começa com este acontecimento literário. Tão distintas são essas duas fases, que Osório de Oliveira não hesita em afirmar: «só agora (*isto é, com a Claridade*) se pode falar da Literatura Caboverdiana».

Significará isso que tudo quanto foi escrito antes das produções dos colaboradores da «Claridade» não tem valor literário? Que só merece ser considerado como Poesia, na verdadeira acepção do termo, o que escreveram os poetas da «Claridade» e os que se lhes seguiram?

Postas estas interrogações, está-se, necessariamente, perante o discutidíssimo problema da definição de Poesia, como expressão artística. Não constitui objectivo deste apontamento abordar tal problema. Todavia, impõe-se uma tomada de posição, para que, quando menos, se possa ser coerente nas afirmações que tiverem de ser feitas.

A poesia, como qualquer manifestação artística e apesar de toda a característica individual, emanante da personalidade do Poeta, é necessariamente um produto do meio em que tem expressão. Quer dizer: por maior que seja a influência do próprio indivíduo sobre a obra que produz, esta é sempre, em última análise, um produto do complexo social em que foi gerada. Aliás, esta afirmação não passa dum lugar comum em todas as controvérsias referentes aos problemas de Arte, na actualidade.

Ao falar de controvérsias, não se esquece que não rareiam as vozes discordantes que

se lavantam para defender a exclusiva influência do complexo individual na manifestação artística. Ao referir este facto, está-se implicitamente perante a não menos discutida questão de se saber se a arte deve ser «dependente» ou «independente», isto é, presente ou alheia aos problemas sociais do meio em que é produzida; ou, noutras palavras muito vulgarizadas actualmente: se a arte deve ser «interessada» ou «desinteressada».

Assim, enquanto vai crescendo, dia a dia, o conjunto daqueles que pretendem ou querem uma arte com função social, cerram-se as fileiras) daqueles que, teimosamente, arvoram a esfarrapada bandeira duma arte absolutamente independente, da chamada «arte pela arte». E, ao qualificar-se de *esfarrapada* a bandeira dos que defendem uma arte «desinteressada», está-se, ainda que de maneira implícita, tomando posição.

E' que, na realidade, parece — e com este ponto de vista não se está metendo nenhuma lança em Africa — que, a qualquer das questões postas atrás: arte função do meio? arte com função social? — só pode ser dada uma resposta afirmativa. Não é possível considerar a arte (a Poesia, no caso presente) independentemente do homem-ser-social. A arte é e tem de ser, para que mereça tal designação, um produto do Homem para os Homens.

A Poesia tem as suas raízes (passe o termo) mergulhadas nas condições sócio-económicas em que é criada. Note-se que não se afirma ser ela uma função exclusiva dessas condições. Não é, nem poderia ser, alheia a influência de outra origem, como a moral, a religião, as ciências, a filosofia, etc...

Quanto à sua função social, parece que o que se poderá discutir é qual a natureza

da função social de determinada obra poética e, não, se essa função existe. Quer dizer: há uma acção recíproca entre o complexo social e a obra poética, admitindo que esta tenha algum mérito. O que interessa determinar é se tal obra constitui um bem ou um mal para aquele complexo, isto é, se o serve ou se o trai.

A evolução das sociedades humanas está na base de toda a evolução literária. Mesmo quando estes dois fenómenos se apresentam desarmonicos ou antagonicos, isto significa apenas que não se desenvolvem concomitantemente. A evolução das sociedades humanas é, por sua vez, uma função dos factores determinantes da estrutura económica em que aquelas assentam.

2 —

A Poesia Caboverdiana, como qualquer outra, só poderá ser compreendida, se considerada em relação ao ambiente material e humano, vivido pelo Poeta. Assim, seria conveniente determinar quais as características do meio caboverdiano que estiveram na base das manifestações das duas poesias atrás referidas: a anterior à «Claridade» e a que começa com esta revista.

A primeira representada por EUGÉNIO TAVARES, JOSÉ LOPES, PEDRO CARDOSO, JANUÁRIO LEITE, etc., caracteriza-se por um desprendimento quase total do ambiente, sublimando-se numa expressão poética que, excepção feita a algumas obras de E. TAVARES e P. CARDOSO, nada tem de comum com a terra e o Povo do Arquipélago. Enquanto a poesia de J. LEITE, por exemplo, oferece, nos seus sonetos, a expressão da reacção puramente sentimental, do Poeta, perante fenómenos que a ele e só a ele interessam, a de JOSÉ LOPES traduz, mais do que qualquer outra, o cunho de cultura clássica, desligada do meio, que caracteriza a formação ideológica dos Poetas anteriores à «Claridade».

Aliás, é precisamente nessa formação, adquirida principalmente no Seminário de S. Nicolau, como o faz notar Osório de Oliveira, ou por um louvável esforço pessoal, que reside a razão de ser das características da Poesia anterior à «Claridade».

Possuidores de uma cultura clássica que em alguns atinge um grau verdadeiramente elevado, os Poetas da geração em referência, esquecem a terra e o Povo. De olhos fixos no que aprenderam dos livros e que talvez suponham insuperável, pouco mais conseguem do que imitar os autores seus conhecidos, produzindo uma Poesia em que o amor, o sofrimento pessoalíssimo, a exaltação patriótica e o saudosismo, são os traços comuns.

Não se nega o mérito dalgumas das suas obras. Alguns sonetos de JANUÁRIO LEITE, composições de E. TAVARES, esta ou aquela obra de J. LOPES e P. CARDOSO, são — há que reconhecê-lo — de valor incontestável. Pode-se mesmo afirmar que em E. TAVARES (ao cantar o ambiente bravense) e P. CARDOSO (ao traduzir, do crioulo, quadras populares do Fogo) encontra-se já algo do que, mais tarde, se tornaria realidade nos Poetas da nova geração: uma comunhão íntima entre o Poeta e o seu mundo.

E' ainda a influência da cultura clássica que caracteriza o aspecto formal da Poesia em referência: o respeito sagrado à métrica, a confrangedora submissão às algemas da rima.

Mas, como descortinar a influência do meio socio-económico sobre estes artistas? Atente-se nas seguintes condições:

O Povo, em geral, vive alheio à cultura e às manifestações artísticas. O Seminário, em S. Nicolau, por poucos pode ser frequentado. Ministra-se nele uma cultura clássica, à qual se ligam fortemente os que tiveram a felicidade de recebê-la. Tão forte é o elo, que os seminaristas (ou os autodidactas) do talento, encontrando abertas as portas duma vida onde podem desfrutar de posições de relevo, ignoram ou esquecem as realidades que os cercam. Opera-se neles a supremacia de tudo quanto é meramente filosófico, religioso ou moral, sobre o económico.

Melhor: é a própria condição económica em que vivem que facilita aquele alheamento das realidades caboverdianas. A terra e o Povo estão distantes. Este, nas letras da Morna, canta os seus sofrimentos e amores, enquanto os Poetas compõem sonetos perfeitos, para exaltar um senti-

mento qualquer, as tranças e os olhos da hegéria, as belezas da Grécia ou uma data célebre, da História.

3—

Bruscamente, porém, opera-se a transformação. A Poesia Caboverdiana abre os olhos, descobre-se a si própria, — e é o romper duma nova aurora. E' a claridade que surge, dando forma às coisas reais, apontando o mar, as rochas escavadas, o povo a debater-se nas crises, a luta do caboverdiano «anónimo», enfim, a terra e o Povo de Cabo Verde. Por isso, o caracter intencional — e felizmente intencional — do nome da revista que revela essa profunda modificação na Poesia Caboverdiana: *Claridade*

Os poetas, agora, são homens-comuns que caminham de mãos dadas com o Povo, e de pés fincados na terra. Cabo Verde não é o sonhado jardim hesperitano, mas, sim, o «Arquipélago» e o «Ambiente», onde as árvores morrem de sede, os homens, de fome — e a esperança nunca morre. O mar já não tem sereias e as ondas não beijam a praia. O mar é a estrada da libertação e da saudade, e o marulhar das vagas é a tentação constante, a lembrança permanente do «desespero de querer partir e ter de ficar». Até o caminho qualquer, «amassado pelo gado que a seca matou», tem vida, assim como «os coqueiros esguios» e o «céu azul e ardente que não promete chuva».

A terra, «a terra mártir» — é a Mãe que «alimenta» os filhos «com a ternura das suas entranhas»; que não morreu, mas, jaz adormecida «numa migalha de terra no meio do mar».

A voz do Poeta, agora, é a voz da própria terra, do próprio Povo, da própria realidade caboverdiana.

Como se operou tão profunda transformação na Poesia de Cabo Verde? Tal modificação corresponderá a uma evolução do complexo económico-social? Aten-te-se nas seguintes condições:

O Povo, na generalidade, continua alheio a toda a manifestação artística e cultural. A cultura é ainda o apanágio dum sector restrito da sociedade caboverdiana. Mas é precisamente neste sector que se operou uma modificação.

O Liceu, com a democratização do ensino, independente da religião, trouxe maiores facilidades de acesso a Cultura. Aumentou, na fileira dos intelectuais, o número de elementos provenientes da chamada «gente humilde». Além disso, o fulcro da intelectualidade caboverdiana, passando de S. Nicolau para a cidade do Mindelo, à beira do Porto Grande, encontrou-se em contacto mais amplo com o Mundo, onde se operava, dia a dia, a evolução da mentalidade humana, concretizando-se as aspirações do Homem.

E' de admitir-se que tal transformação resultou principalmente desse contacto, em essencial com a literatura metropolitana e brasileira. Na realidade, as primeiras produções da *Claridade*, manifestam uma certa influência da corrente literária que caracterizou o Presencismo, e da poesia brasileira de então. Influência que se limitou a mudar as directrizes da poesia caboverdiana. O Poeta, em vez de olhar para as nuvens, devia buscar o sentido da sua poesia na realidade em que vive.

Infelizmente, a primeira fase da *Claridade* foi um relâmpago. Mas foi o suficiente para a nova geração de Poetas caboverdianos poder ver claro, e compreender que a Poesia de Cabo Verde só poderia ter personalidade, possuir um real valor, se, sem intenção premeditada, fosse «os olhos e a boca» do Arquipélago das secas.

Anos volvidos, aparece a «Certeza», folha infelizmente efémera, fundada por estudantes do Liceu. Nela, ARNALDO FRANÇA, NUNO MIRANDA, TOMAZ MARTINS, G. ROCHETEAU e outros jovens, ensaiam uma nova mensagem, e mostram que compreenderam a dos Poetas da *Claridade*. Mas a «Certeza» não é apenas uma compreensão da *Claridade*.

Os seus Poetas — o contacto com o Mundo é cada vez maior — sentem e sabem que, para além da realidade caboverdiana, exis-

te uma Realidade humana, de que não podem alhear-se. Sentem e sabem que não é apenas em Cabo Verde que «há gritos lancinantes pela noite silenciosa» e «homens vagabundos» que «fitam estrelas que a madrugada esculpiu». E dizem, querem dizer «um canto... que cruze nos mares mais distantes e entre nos corações dos homens... um canto com contornos de paz e relevos de esperança». De esperança.

4—

Mas a evolução da Poesia Caboverdiana não pode parar. Ela tem de transcender a «resignação» e a «esperança». A «insularidade total» e as secas, não bastam para justificar uma estagnação perene.

As mensagens da *Claridade* e da *Certeza* têm de ser transcendidas. O sonho de evasão, o desejo de «querer partir», não pode eternizar-se. O sonho tem de ser outro, e aos Poetas — os que continuam de mãos dadas com o Povo, de pés fincados na terra e participando no drama co-

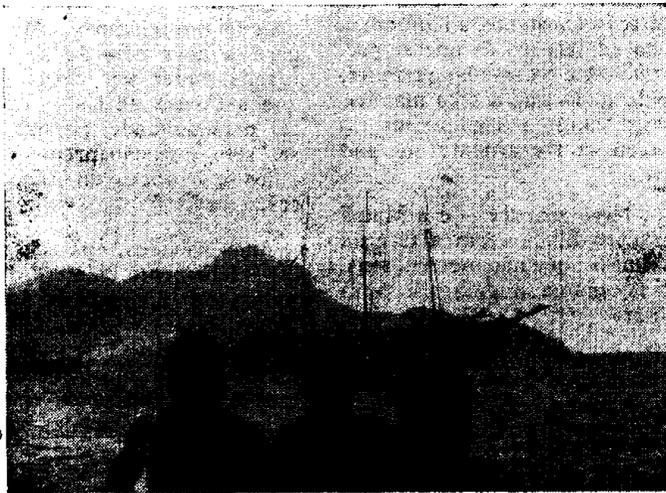
mun—compete cantá-lo. O caboverdiano, de olhos bem abertos, compreenderá o seu próprio sonho, descobrirá a sua própria voz, na mensagem dos Poetas.

Parece que ANTÓNIO NUNES e AGUI-NALDO FONSECA estão na vanguarda dessa nova Poesia. Não se conformam com a estagnação. A prisão não está no Mar.

O primeiro, auscultando a terra e o Povo sonha com um «Amanhã» diferente, que antevê possível. E descreve a alteração que há de operar-se: «Em vez dos campos sem nada...» E profetiza, para a terra caboverdiana, a «vivificação da Vida».

O segundo exprime, em toda a sua grandeza, o «naufrágio em terra», do Povo a que pertence. Retrata os «homens calados» sofrendo a «dor da Terra-Mãe... num abandono de não ter remédio». Dos homens, presos na cadeia da desesperança. E o seu sonho, não é de «querer partir»: é de

«Outra terra dentro da nossa terra».



○ «Senhor das Areias» fundeado no Porto Grande, de S. Vicente. (Ao fundo o Monte de Cara) Cliché I. F. A. N. — Foto J. Cadenat